

# **COMO CONSTRUIR PONTES ENTRE A ACADEMIA, A SOCIEDADE E A POLÍTICA PÚBLICA RUMO A UMA CIDADE DEMOCRÁTICA E INCLUSIVA**

## **RESUMO**

O ensaio tem como objetivo investigar caminhos para a construção de pontes entre academia, sociedade e gestão pública, apontando que essa aproximação é estratégica para a universidade reforçar sua relevância social, especialmente num momento em que sofre críticas e questionamentos, e assim influenciar a definição de políticas públicas para as cidades. O estudo analisa o papel da comunicação nesse processo, partindo de exemplos reais da atuação de universidades e órgãos científicos nesse campo, para refletir sobre a importância da adaptação da linguagem e das estratégias comunicacionais na era digital. Para problematizar a questão central em análise, o trabalho contou com entrevistas com cientistas, pesquisadores e gestores públicos, além de pesquisa em veículos de imprensa, canais universitários, fontes oficiais, projetos digitais de instituições acadêmicas, literatura e observação empírica. O documento pretende contribuir com informações e reflexões para que a academia aperfeiçoe suas ações de comunicação tanto com a população como com os gestores públicos, colaborando assim para tornar as cidades mais democráticas e inclusivas.

**Palavras-chave:** Comunicação pública. Redes sociais. Divulgação científica.

## **ABSTRACT**

The essay aims to investigate ways to build bridges between academia, society, and public management, pointing out that this approach is strategic for the university to reinforce its social relevance, especially at a time when it suffers criticism and questioning, and thus influence the definition of public policies for cities. The study analyzes the role of communication in this process, starting from real examples of the performance of universities and scientific bodies in this field, to reflect on the importance of adapting language and communication strategies in the digital age. To problematize the central issue under analysis, the work included interviews with scientists, researchers and public managers, as well as research in press vehicles, university channels, official sources, digital projects from academic institutions, literature and empirical observation. The document intends to contribute with information and reflections for the academy to improve its communication actions both with the population and with public administrators, thus collaborating to make cities more democratic and inclusive.

## **Introdução**

O fotógrafo e profissional de redes sociais Lucas Pirez, de 29 anos, morador da cidade de Guarulhos, em São Paulo, usou seu perfil no Instagram no dia 21 de agosto de 2021 para dizer que havia tido uma “feliz surpresa” naquela semana. Ele havia sido procurado pela equipe de comunicação do Instituto Butantan, que o informou que ele era o seguidor de número um milhão do perfil da instituição nessa mídia social. Por conta disso, ele foi convidado a entrevistar o presidente do instituto, o médico, cientista e professor titular da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da USP Dimas Covas. Entusiasmado com a oportunidade, Lucas convidou seus seguidores a assistirem ao vídeo da entrevista. O material seria postado naquele dia, 21 de agosto. “O vídeo sai hoje 12h (horário de

Brasília) no canal oficial deles no YouTube. E tô ansioso para saber as respostas!!!”, escreveu no post (PIREZ, 2021).

A mensagem trazia junto um card de redes sociais, com a foto de Dimas Covas e de Lucas, anunciando o “Dimas Responde Especial”, programa apresentado por Covas no canal do Butantan no YouTube. Especial porque contaria com a participação do seguidor de número um milhão, uma marca comemorada pelo Butantan em seu site e redes sociais e pelo próprio Dimas Covas em seu perfil pessoal no LinkedIn. O vídeo, que tem pouco mais de 18 minutos de duração e foi produzido previamente, começa com o doutor Dimas Covas cumprimentando Lucas e fazendo um pedido. “Lucas, legal conhecer você. Antes de começarmos, vamos lembrar aí aos nossos seguidores: olha, dá um joinha, hein?”, disse, apontando para o botão para inscrições no canal. “Isso nos fortalece e nos dá ânimo para continuar” (COVAS, 2021).

A estratégia digital do Instituto Butantan serve para ilustrar os caminhos buscados pela ciência e pela academia para criar pontes com a sociedade por meio de uma comunicação mais estruturada, uma necessidade reforçada pelos enormes desafios impostos pela pandemia em relação à disseminação de informações confiáveis para a população. O fortalecimento da interlocução dos pesquisadores com o público externo, que passa também pela busca por uma aproximação com os gestores públicos, com o objetivo de colaborar com a definição de políticas destinadas à vida nas cidades, é especialmente importante num momento em que a educação, a ciência e o conhecimento sofrem críticas de setores da sociedade e da classe política.

Ao ambiente hostil se soma a redução contínua nas verbas, como veremos mais adiante neste ensaio, que comprometem a realização de pesquisas, a produção de conhecimento e, em última instância, as soluções, projetos e serviços prestados pela academia aos cidadãos. Em meio a esse ambiente adverso, mostrar para a sociedade a relevância do saber produzido na universidade é, além de uma prestação de contas a quem mantém a roda girando (o contribuinte), uma questão de sobrevivência.

É nesse contexto que o diálogo com os gestores públicos cresce em importância, pois são eles os responsáveis pela alocação de recursos e pelas políticas que interferem na vida das pessoas, que podem se beneficiar direta ou indiretamente do conhecimento gerado a partir de pesquisas acadêmicas. Estar mais próxima da gestão local, ao mesmo tempo em que reforça seus laços com a população, pode ser um caminho virtuoso para a academia não apenas reforçar sua relevância social, mas também ter mais condições de identificar demandas e contribuir, seja com o conhecimento que produz, seja na cocriação de projetos com o poder público, para resolver problemas reais da população.

Diante desse cenário, algumas questões se colocam: como a academia pode se aproximar da sociedade, mostrar sua importância e justificar os investimentos que recebe? Qual o papel da comunicação nesse processo e como a universidade pode utilizar as redes sociais digitais para alcançar esses objetivos? E como construir pontes entre a pesquisa e a política pública para que a universidade possa ampliar o seu impacto social, especialmente num momento em que as cidades emergem para o pós-pandemia com desafios sociais ainda maiores do que aqueles que já existiam antes da Covid-19?

Essas são as principais reflexões que este ensaio se propõe a fazer, valendo-se para isso de depoimentos de pesquisadores e gestores públicos, pesquisa em veículos de comunicação, canais acadêmicos, fontes oficiais, projetos digitais de universidades e

instituições científicas e observação empírica. Esperamos, assim, contribuir com informações, cases e insights para que a academia aperfeiçoe suas estratégias de comunicação tanto com a população como com os gestores públicos e possamos, como sociedade, avançar rumo a cidades mais democráticas e inclusivas.

## Críticas à ciência

A ciência e a universidade no Brasil talvez nunca tenham sofrido tantas críticas e questionamentos como atualmente. Com a pandemia, os alvos preferenciais passaram a ser as ações de combate à Covid-19. Ações de desinformação via canais digitais espalham boatos a respeito da validade de vacinas, enquanto fazem a defesa de medicamentos sem eficácia comprovada. Ao mesmo tempo, o saber científico de uma maneira geral também é questionado. Analisando a partir de uma perspectiva mais abrangente, que envolve as políticas públicas para a educação, o professor João Carlos Salles, ex-reitor da Universidade Federal da Bahia e presidente da Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (Andifes), manifestou sua preocupação com o futuro das universidades públicas em livro publicado no ano passado:

A universidade tem sido alvo de múltiplos ataques e incompreensões, como se não fosse um projeto de sociedade e tivesse se tornado um problema. De desejo cívico, passou a estorno público. E, pior, a solução dos embaraços que julgam diagnosticar não estaria na própria universidade, nem em seus atores, como se nosso espírito democrático fosse uma prova a mais de nossa inanição. Com isso, sonhos urdidos em décadas são agora apresentados como pesadelos, cuja saída estaria antes no mercado ou na indústria (SALLES, 2020).

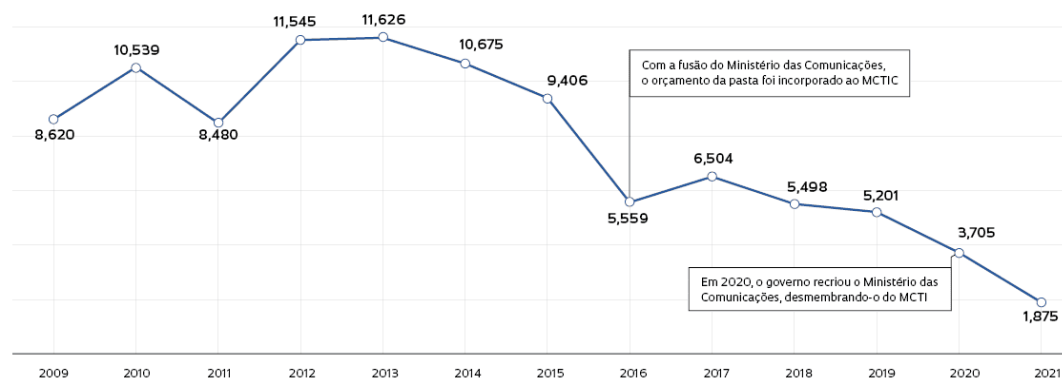
O temor de Salles está amparado em números. Segundo o Relatório de Ciências da UNESCO (CHNEEGANS, S.; LEWIS, J.; STRAZA, T, 2021), publicado pela Revista da FAPESP (FAPESP, 2021), os sucessivos cortes estão prejudicando o financiamento à pesquisa no Brasil. Entre 2014 e 2018, a redução no orçamento do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações (MCTI) foi de 50%. Entre 2012 e 2021, a queda foi de 84%, saindo de R\$ 11,5 bilhões para R\$ 1,8 bilhão.

Veja a figura a seguir com dados de orçamento do ministério de 2009 a 2021, em bilhões de reais, com atualização pela inflação.

## Orçamento do MCTI

### EVOLUÇÃO DOS RECURSOS PARA O MCTI

Orçamento\* dos últimos anos, em R\$ bilhões, atualizado pela inflação (IPCA)



\*DESPEAS CORRENTES, INVESTIMENTOS E INVERSÕES FINANCEIRAS

FONTE: SBPC, LOA 2021 E SISTEMA INTEGRADO DE PLANEJAMENTO E ORÇAMENTO

Fonte: SBPC, LOA 2021 e Sistema Integrado de Planejamento e Orçamento

Mesmo com a sangria nas verbas para ciência e tecnologia, no entanto, a produção científica brasileira continua em expansão. Apesar dos problemas de financiamento, o Brasil permanece na 13ª posição no ranking de produção científica no mundo, com 372 mil trabalhos publicados internacionalmente entre 2015 e 2020, ou 3,2% da produção global, de acordo com o relatório Panorama da Ciência Brasileira 2015-2020, produzido pelo Centro de Gestão de Estudos Estratégicos (CGEE), organização social ligada ao MCTI.

Como explicar o aumento na produção mesmo diante de cortes sucessivos de recursos? “A característica fundamental da ciência e do cientista brasileiro é uma única palavra: resiliência. O Estado brasileiro pode fazer uma coisa que é dramática, como reduzir em 50% de investimento, e os cientistas brasileiros, a ciência brasileira, têm uma resiliência que é explicável até agora”, diz Hernan Chaimovich, professor emérito do Instituto de Química da USP e coautor do relatório da Unesco, para em seguida completar. “Mas a resiliência tem um limite”, alerta (CHAIMOVICH, 2021).

Outra possível explicação para a manutenção dos índices de pesquisa seria o produtivismo acadêmico, um efeito colateral dos sistemas de avaliação da pós-graduação, que valorizam em demasia a quantidade de trabalhos acadêmicos produzidos, em detrimento de sua qualidade (PATRUS, R.; DANTAS, D. C.; SHIGAKI, H. B, 2015).

### **Pandemia e divulgação científica**

Se por um lado o momento é delicado, de outro surgem oportunidades para a academia mesmo em circunstâncias críticas, como agora, com a pandemia. A Covid-19 trouxe inúmeros desafios para os cientistas, mas também colocou a ciência nos holofotes da mídia, da sociedade em geral e dos gestores públicos como talvez nunca tenha acontecido no país.

A preocupação com o surgimento de um vírus extremamente perigoso e a necessidade de informações confiáveis sobre a doença colocou pesquisadores acadêmicos de diversos campos, mas especialmente aqueles ligados à saúde, biologia e medicina, no centro das atenções. Provavelmente nunca os cientistas tenham ficado tão em evidência na mídia, sendo convidados diariamente para entrevistas em veículos de comunicação de massa, além de ocuparem um espaço crescente também nas redes sociais, seja nos próprios perfis, seja com a reverberação de suas entrevistas a TV, rádios, jornais e portais.

Entre os nomes que ganharam maior projeção no período estão os divulgadores da ciência Atila Iamarino, biólogo, doutor em micrologia e criador do canal no YouTube Nerdologia; e Natalia Pasternak, bióloga com pós-doutorado em microbiologia e diretora do Instituto Questão de Ciência, voltado à promoção da ciência e do uso de evidências científicas na formulação de políticas públicas. Tanto Pasternak quanto Iamarino já atuavam no campo da divulgação científica, mas a pandemia também colocou em destaque cientistas que até então não tinham como foco de seu trabalho a comunicação para além dos ambientes científicos.

Um dos casos mais emblemáticos desse grupo é o de Margareth Dalcolmo, médica pneumologista e pesquisadora da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), onde também é professora. Seu rosto se tornou conhecido do grande público quando, ao retornar de uma viagem à Brasília, onde prestou consultoria técnica a Luiz Henrique Mandetta, então Ministro da Saúde, ela participou de uma live transmitida ao vivo no Facebook e no Instagram do perfil Pneumoimagem, mantido pelo pneumologista Mauro Gomes. O

sucesso foi imediato, tamanha a sede das pessoas por informações a respeito de uma doença novíssima e assustadora: o vídeo superou 1,5 milhão de visualizações em apenas 24 horas, um feito extraordinário, ainda mais em se tratando de um perfil com poucos seguidores e desconhecido (BERNARDO, 2021). No dia seguinte, Dalcolmo foi convidada a dar entrevista à Globo. “E nunca mais saí”, disse a pesquisadora (DISITZER, 2020).

A partir desse momento, a Dra Margareth Dalcolmo tornou-se tornou uma figura constante na mídia, com participações quase diárias na Globonews e outros programas, além de entrevistas para jornais e revistas e convites para lives. Tudo isso a tornou, em pouco tempo, uma personalidade conhecida de um público muito mais amplo. “Vocês já repararam que se fala mais de Margareth Dalcolmo do que de Neymar? Ainda bem. Ela está com a bola toda, principalmente depois que foi eleita a ‘mulher do ano’ por seu trabalho”, escreveu o jornalista e escritor Zuenir Ventura em sua coluna no jornal O Globo (VENTURA, 2021). Ele se refere ao prêmio de Personalidade do Ano do Prêmio Faz Diferença 2020, concedido a Dalcolmo por O Globo e pela Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro (Firjan).

### **Pesquisadores, jornalismo e comunicação**

O interesse pela ciência provocado pela pandemia também parece ensaiar mudanças na relação dos pesquisadores e dos jornalistas com a comunicação científica. O curso de pós-graduação lato sensu em jornalismo científico oferecido pelo Labjor (Laboratório de Estudos Avançados da Unicamp), por exemplo, teve aumento no número de candidatos neste ano. Foram cerca de 220 inscritos para 40 vagas no processo de seleção em 2020, uma procura muito superior aos de anos anteriores, diz Germana Barata, orientadora e professora do curso. “Muitos jornalistas que eram de áreas diversas, como política, economia, cidades, de repente tiveram que cobrir a pandemia”, diz Barata em entrevista aos autores. “E cobrir o SARS-CoV 2 é entrar no mundo da ciência”, diz ela (BARATA, 2021), que é bióloga pela Unicamp com doutorado em História Social pela USP, com enfoque na história da comunicação da ciência (periódicos científicos), e especializada em jornalismo científico pelo próprio Labjor.

Para a pesquisadora, hoje a ciência está na “boca do povo”, sendo motivo de conversas cotidianas entre as pessoas a respeito de modelos de máscara e tipos de vacina, entre outros temas, embora também esteja envolta num contexto de fake news criado com o objetivo de desacreditar o saber científico. “A gente vê realmente que a informação científica atingiu um nível tão alto de interesse público - ou um desinteresse público, que pode ser também a desinformação. Mas atingiu níveis incríveis, que a gente, como divulgadora da ciência, pensava antes: ‘Um dia todo mundo vai falar sobre ciência, um dia ela vai ser papo de botequim’. A gente só não imaginava que seria a partir de uma situação tão triste como a pandemia.”

Um aspecto central para o aperfeiçoamento da relação entre academia e sociedade é a qualidade da comunicação dos pesquisadores com o público que está para além da universidade, seja pela mediação dos meios jornalísticos, seja pelas redes sociais. São universos muito distintos do ambiente acadêmico, com espaços distintos de interação e movidos por códigos de linguagem também distintos. No caso do pesquisador, o forte é a comunicação entre pares por meio de periódicos ou eventos e congressos. Já o ecossistema da comunicação social e digital exige outro tipo de linguagem e formas de interação, com muito mais ruídos e interferências no percurso. O curso de jornalismo científico do Labjor trabalha para aproximar esses universos.

Gratuito mediante processo seletivo, ele tem como propósito preparar jornalistas e cientistas para a divulgação científica, buscando reduzir as distâncias entre o saber científico e os cidadãos. Compreender a lógica e as linguagens das redes sociais digitais faz parte desse processo de comunicação com a sociedade. Isso é particularmente útil para a divulgação das revistas científicas. Em entrevista ao site História, Ciências, Saúde – Manguinhos (MARQUES E CERQUEIRA), site ligado à Fiocruz, Barata observa que os periódicos hoje realizam mais iniciativas de divulgação com a intenção de ampliar seu alcance. E nesse quesito as mídias sociais são instrumentos imprescindíveis, diz Barata à publicação:

As redes sociais, por exemplo, são uma excelente estratégia para atingir um público amplo e chegar tanto a leitores assíduos quanto a interessados numa postagem compartilhada por um “amigo”. A indicação de um amigo é a melhor forma para trazer bons leitores, mas a comunicação deve ser frequente, relevante e interessante.

Usar os canais de comunicação institucionais (sites, revistas, portais, jornais, rádio, TV etc.) que hospedam as revistas também é importante, porque muitas vezes – com verbas limitadas – as revistas não poderão contratar um jornalista ou serviço de comunicação. Lembro que há assessores da própria instituição que às vezes desconhecem os conteúdos ou mesmo a existência das revistas científicas. Além da própria equipe editorial, é importante que os autores recebam orientações sobre como selecionar um artigo com mais apelo jornalístico, que mereça ampla divulgação (por exemplo, junto à grande mídia), e outros de relevância acadêmica (que valem uma postagem nas redes sociais, no blog da instituição ou do SciELO, na newsletter ou para leitores específicos. (MARQUES E CERQUEIRA)

É por essa razão que a professora Germana Barata defende que os pesquisadores sejam preparados, desde a graduação, para navegar com desenvoltura no campo comunicacional. Isso pode ser feito por meio de disciplinas eletivas, abertas a formandos de todas as áreas, sobre comunicação pública e divulgação científica. O Labjor já ofereceu cursos assim para alunos de graduação na Unicamp. Mas quando uma iniciativa desse tipo fica restrita a um departamento específico, nem sempre é possível dar continuidade e consolidar essa prática em toda a universidade. Por isso uma boa solução, na avaliação de Barata, seria as instituições adotarem esse procedimento como política, de modo a desenvolver uma sólida cultura de comunicação nos futuros pesquisadores. Com isso, a intenção não é fazer de todo cientista um divulgador da ciência, mas sim prepará-lo para ser um facilitador da ciência. Dessa maneira, ele estaria preparado também para ser uma espécie de embaixador do saber científico perante a sociedade.

Elizabeth Saad, professora titular do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicações e Artes da USP (PPGCOM ECA-USP), também defende o estudo da comunicação como parte da formação acadêmica, independentemente da área. Para ela, a inclusão dessas disciplinas nos cursos é um passo inicial, mas é importante que a interação com o público em geral e a mídia seja uma constante na carreira acadêmica. Isso pode ser incentivado pelas universidades por meio da criação de situações que aproximem os pesquisadores do cidadão, como realização de eventos abertos, estímulo a entrevistas para a imprensa, organização de webinars com temáticas voltadas à vida urbana e um uso planejado das mídias sociais.

Esse seria um primeiro passo para melhorar aquilo que Elizabeth Saad considera um dos principais obstáculos para a academia: a linguagem. Ela avalia que em muitos casos o pesquisador utiliza um vocabulário que não alcança o público leigo, o que serve para reforçar a imagem de que os cientistas e acadêmicos são muito voltados para dentro da própria universidade. “Tem essa barreira de linguagem, de tradução do que faz. Esse é o nó, porque ele faz, sim, pesquisas e atividades que se relacionam com a sociedade, com aplicação de suas pesquisas”, diz Saad em entrevista para este ensaio (SAAD, 2021). “A

pandemia está demonstrando isso”, diz, referindo à importância e efeitos práticos do trabalho científico.

Assim, a universidade deveria, como parte de um projeto de abertura e valorização de sua função social, enxergar-se como uma mídia, no sentido de que ela é uma produtora de conteúdo relevante que está a serviço do interesse público. “Isso ajudaria a mudar a imagem da universidade como algo distante da vida real, como algumas pessoas pensam”, diz Saad. “Alguns acadêmicos não se esforçam para mudar sua linguagem, e com isso tem-se aí uma deterioração, uma piora da imagem da instituição academia perante a sociedade.”

### **Diálogo entre academia e sociedade**

Ainda que existam inúmeros desafios de comunicação, é possível observar exemplos, por parte de diferentes instituições, da busca por um diálogo mais eficiente com os cidadãos. A análise do projeto digital do Instituto Butantan, citado brevemente no começo deste ensaio, nos ajuda a compreender melhor as possibilidades abertas pelas redes sociais digitais.

Lançado em abril de 2021, o programa “Dimas Responde” traz o presidente do Butantan, Dimas Covas, solucionando dúvidas enviadas por seguidores do instituto no Instagram. As questões abordam desde assuntos relacionados à CoronaVac e à ButanVac, a nova vacina que o Butantan está desenvolvendo, a dúvidas sobre quem pode ou não se vacinar, tratamentos e sobre o trabalho do órgão dirigido por Covas. A ideia do projeto, que em geral traz vídeos curtos e idealizados para as mídias sociais, foi motivada a partir do alto número de dúvidas que as pessoas enviam diariamente pelas redes sociais. “Pensando nisso, e aproveitando que nunca houve tanto interesse em ciência, lançamos nesta terça (20), no nosso canal no YouTube, o programa Dimas Responde”, diz o post sobre o lançamento da iniciativa no site do instituto (BUTANTAN, 2021).

As ações no campo digital têm surtido efeito: o número de seguidores do Butantan no Instagram aumentou 550% em relação a janeiro, época em que o instituto tinha 180.451 seguidores. “O Instagram é uma ferramenta-chave na nossa estratégia de comunicação porque nos permite conversar com o público jovem e passar informações importantes com leveza, mas sem perder a seriedade e o alto padrão do nosso material, que se tornou referência”, diz Vivian Retz, gerente de comunicação do instituto, em post no portal do Butantan. “Esse resultado mostra que as pessoas têm interesse em saber sobre ciência e conhecer o trabalho do instituto. Em tempos como os atuais, informação pode salvar vidas, e é isso que nós fazemos também nas redes sociais do Butantan”, afirma Dimas Covas (BUTANTAN 2021).

A frase “aproveitando que nunca houve tanto interesse em ciência”, contida no post de lançamento do programa de Dimas Covas no YouTube, revela muito sobre o contexto em que se inserem essas e outras iniciativas não só Butantan, mas também de universidades, pesquisadores e outras instituições científicas, que enfrentam no momento o desafio de adaptar sua comunicação para a era digital, buscando um diálogo mais efetivo com o público em geral e também com os gestores públicos de diferentes níveis.

E esse movimento, mais do que um trabalho de divulgação científica, é questão de sobrevivência, segundo a jornalista Luiza Caires, editora de ciências do Jornal da USP. Para ela, a universidade tem “obrigação de compartilhar o que produz com o resto da

sociedade”. “É preciso mostrar que há boas razões para o país investir em ciência e que o que produzimos na universidade é relevante para a vida das pessoas”, diz Caires em entrevista ao Jornal da USP (MARTINS, 2017).

É com o objetivo de criar pontes com a sociedade que o Jornal da USP tem procurado reforçar sua presença digital desde que aboliu sua versão impressa, em 2016. O veículo está presente – e com uma participação ativa – no Facebook, Twitter, WhatsApp, YouTube, LinkedIn e Instagram, além de manter programas em podcast e videocast. A linha editorial destaca a produção acadêmica de seus pesquisadores, tentando relacionar os trabalhos com a vida cotidiana das pessoas. Uma das iniciativas que vão nesse sentido é o programa “Você e o pesquisador”, série de entrevistas no YouTube com pesquisadores para mostrar o impacto das pesquisas científicas da USP. As conversas são transmitidas ao vivo e depois ficam disponíveis no Canal da USP.

### **Pontes entre a academia e a política pública**

Ter uma estratégia de comunicação eficiente com o cidadão é apenas um dos aspectos – essencial, mas não o único – na busca da academia por estabelecer pontes com a sociedade. Também é preciso incluir nessa conversa o gestor público. Afinal, para que o saber produzido na universidade influencie as políticas públicas é necessária a participação daquele que pode efetivamente colocar as ideias em prática. E o triângulo formado por esses três vértices (academia, poder público e população) deve funcionar como um sistema que se retroalimenta: a sociedade com suas aspirações e necessidades se beneficia do conhecimento gerado na academia, que por sua vez alimenta a gestão pública com pesquisas e estudos capazes de auxiliar na formulação de políticas para atender a população.

O cientista Marcos Buckeridge, diretor do Instituto de Biociências da USP e coordenador do Centro de Síntese USP Cidades Globais (USPCG), iniciativa ligada ao Instituto de Estudos Avançados (IEA), chama o meio desse triângulo de “sopa primordial”, como explicou em entrevista aos autores. “Os problemas e as soluções ficam flutuando no meio dentro desse triângulo. Quando um problema encontra uma solução ou quando percebe que um problema pode ter a solução ali no espaço primordial, esse problema pode ser resolvido. Quem na sociedade é que faz isso? São os políticos, o executivo”, diz em entrevista a este ensaio. (BUCKERIDGE, 2021).

É por essa razão que construir pontes também com o poder público está na base do USPCG, programa que tem como propósito contribuir com o desenvolvimento de soluções para as cidades e atuar para que elas cheguem à política pública. O projeto articula o conhecimento produzido na USP e de colaboradores nacionais e internacionais para, a partir de pesquisas e projetos, pensar um modelo de metrópole pautado pela qualidade de vida e bem-estar da população.

Um exemplo nessa direção é um projeto do Cidades Globais que busca trabalhar em conjunto com a Câmara Municipal de São Paulo. O USPCG vinha conversando, antes da pandemia, com alguns vereadores interessados em pensar ações de combate à desigualdade em vários níveis, como racial, ambiental, socioeconômico e de gênero. Esse processo caminhava bem, mas entrou em compasso de espera por conta da pandemia e das mudanças de mandatos com as eleições do ano passado. “Nossa ideia era – e vamos voltar para isso quando pudermos trabalhar de novo presencialmente com eles – montar uma parte do Cidades Globais dentro da escola da Câmara”, diz Buckeridge. “A ideia era

ter pós-docs e supervisores que frequentassem direto a Câmara para oferecermos o conhecimento que estamos produzindo, os dados que estamos compilando, as análises”, afirma o cientista, ressaltando que não se trata de ir lá dizer que os vereadores devem ou não fazer. “Não é ensinar, não é uma relação de ensino. Mesmo porque, quando conversa com os vereadores ou deputados, o professor aprende muito, porque é outro mundo. A gente tem de ouvir. A ideia é aproximar para ter um diálogo mais próximo.”

Quando o projeto for retomado, o professor Marcos Buckeridge e os pós-docs do USPCG vão levar para os vereadores outro produto da instituição que busca a aproximação com o poder público e a sociedade: o Guia Cidades Sustentáveis – Eleições 2020. Lançado em outubro do ano passado, a publicação é resultado do trabalho dos pós-doutorandos da entidade e apresenta um conjunto de propostas para que as cidades possam cumprir os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Agenda 2030 da ONU. Os pesquisadores mapearam, a partir de análises e workshops, 193 itens de agendas políticas dos municípios que podem ser aplicados para cumprir os ODS.

O propósito do documento foi auxiliar as campanhas de prefeitos e vereadores nas eleições de 2020, e, no caso dos eleitos, dar instrumentos para que os mandatos municipais possam implementar políticas em sintonia com os ODS. O trabalho também busca oferecer “à população uma ferramenta qualificada de cobrança dos candidatos sobre o que prometem e o que cumprem”, diz o guia.

E os gestores públicos, o que pensam a respeito de um diálogo mais efetivo com a academia? Como avaliam que um contato mais próximo com as universidades possa contribuir com seus planos e ações? Haveria espaço para uma interlocução mais estruturada entre as partes? Se depender de Fernando Padula, Secretário de Educação da cidade de São Paulo, não só há espaço como a ideia é bem-vinda. Mas existe um obstáculo: o cotidiano do gestor público, diz ele, é feito de “apagar incêndios”, “administrar emergências” e “equilibrar os pratinhos”. Isso quer dizer que os recursos humanos da pasta são utilizados quase que integralmente para manter a máquina rodando. “Estruturas como essa são muito grandes. Nós estamos falando de um milhão e setenta mil alunos e quatro mil escolas. Então a sensação que a gente tem aqui é a de administrar emergências quase o tempo todo”, afirma em depoimento (PADULA, 2021).

Para resolver esse impasse, ele acredita que o caminho seria contar com núcleos específicos dentro da estrutura da secretaria para ouvir, acolher e desenvolver soluções em conjunto com os pesquisadores. A questão é que a ampliação de estruturas envolve um processo de aprovação mais complexo, como a necessidade de um decreto do prefeito ou aprovação de projeto de lei pela Câmara, dependendo do caso. Mas, para Padula, o sucesso de uma aproximação efetiva com a academia, que resulte em políticas públicas, passa por isso. “A gente precisaria ter uma área dedicada a isso, porque as respostas não vão vir com o imediatismo que a administração precisa”, afirma. “Acho que as coisas precisam acontecer em passos diferentes. Você vai ter uma coisa para emergências do dia a dia, menos reflexiva, e uma de planejamento, de tentar aprimorar, e para isso é preciso uma estrutura permanente, que olha evidências e investiga coisas que não foram suficientemente investigadas, que levanta hipóteses e produz ou traz o conhecimento que já existe”, afirma Padula.

A Secretária Municipal de Direitos Humanos e Cidadania (SMDHC) de São Paulo, Claudia Carletto, também acredita que, por conta do cotidiano atribulado da gestão pública, a formação de grupos de trabalho entre academia e poder público possa ser um

bom caminho, desde que se tome o cuidado para que isso não se perca em amplas discussões teóricas sem resultados práticos. “Sou um pouco cética com grupos de trabalho, porque acho que a gente volta a ficar na questão da teoria. Mas é o único mecanismo possível para criar essa aproximação”, diz a secretária (CARLETTO, 2021), que é jornalista formada pela Faculdade Cásper Líbero e mestre em Cidades Inteligentes pela UNINOVE. Existe um exemplo, para além da relação academia e gestão pública, que pode servir de inspiração. Ela observa que os projetos de urbanismo social se baseiam num amplo esforço de integração entre diferentes atores sociais, como comunidades, agentes públicos, movimentos sociais, ONGs e eventualmente pesquisadores.

Em muitos casos, continua Carletto, já existe um diálogo bastante produtivo entre a gestão municipal e a sociedade civil organizada, representada por movimentos e organizações sociais. Mas nem sempre esses diálogos contam com a participação da academia. E por que isso acontece? “Pode ser por ela não estar próxima, ou porque a gente é muito demandado por organizações do Terceiro Setor e menos pela academia”, diz ela, para em seguida completar. “A dinâmica da gestão é muito complexa, muito árdua e desgastante. Então, às vezes, a gente acaba dando devolutivas para quem nos procura e deixa de lado quem não o faz. Talvez a academia tenha de se colocar um pouco mais nesse papel”, avalia, observando que também cabe ao poder público trazer os pesquisadores para esse diálogo.

Ainda que a dinâmica acelerada da gestão pública dificulte uma parceria mais estratégica com as universidades, é possível abrir espaços para unir forças. Foi o que aconteceu nos primeiros meses da pandemia, quando a secretaria comandada por Claudia Carletto contou com a colaboração da Universidade Nove de Julho (UNINOVE), de São Paulo, em um projeto voltado às Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPIs) do município. Quando estourou a pandemia e o isolamento social foi implantado, Carletto e sua equipe buscavam maneiras de prestar atendimento a essa população. Era necessário, por exemplo, passar orientações sobre a doença, explicar como se proteger e como os cuidadores deveriam agir dentro das instituições – além de ouvir os idosos e, assim, confortá-los diante de uma situação que exigia o isolamento completo. Havia uma preocupação, além da possibilidade de contágio, com a saúde mental, pois trata-se de um grupo com altos índices de depressão, diz Carletto.

A ideia da parceria com a UNINOVE surgiu porque a equipe da coordenação de políticas para idosos da secretaria já mantinha contatos com a universidade para possíveis ações conjuntas. Ao todo, a SMDHC mantém 11 dessas coordenações, que mantém interlocução frequente com diferentes entidades e organizações da sociedade civil. No momento em que veio a pandemia, a parceria foi estruturada rapidamente, porque a universidade já havia se colocado à disposição para atuar voluntariamente em possíveis iniciativas desenhadas com o município. Pelo projeto, as equipes de enfermagem da UNINOVE se dispuseram a fazer o atendimento a distância (telenfermagem) aos idosos da ILPIs. “Fomos buscar uma solução junto com a academia para um problema imposto para o qual não sabíamos o que poderia ser feito”, diz a secretária.

## **Conclusão**

Conforme procuramos demonstrar ao longo deste ensaio, a construção de pontes com a sociedade e a gestão pública deve ser vista como uma decisão estratégica para a academia. Entre as razões para isso está o fato do saber científico ter se tornado alvo de críticas, ao mesmo tempo em que os investimentos em ciência no Brasil sofrem sucessivos cortes ao

longo dos anos. Por isso, mostrar-se relevante para o cidadão e reforçar seus vínculos com a sociedade é uma questão de sobrevivência para as universidades, especialmente as públicas, que dependem de recursos do contribuinte. E nesse processo a comunicação é peça-chave. Essas instituições precisam contar para a sociedade aquilo que produzem e como o conhecimento gerado beneficia, direta ou indiretamente, a vida das pessoas nas cidades. Na outra ponta desse processo está a necessidade de aproximar a academia dos gestores públicos, estabelecendo mecanismos de colaboração para influenciar positivamente as políticas públicas. O bom funcionamento do tripé academia, gestão pública e sociedade é fundamental para a superação dos enormes desafios sociais e urbanos agravados pelo coronavírus.

A pandemia surge, sob outro aspecto, no entanto, como uma oportunidade para a universidade reafirmar sua importância para o conjunto da sociedade. Afinal, é o trabalho dos cientistas que gerou, por exemplo, as vacinas que protegem a população. Também foi a partir da Covid-19 que os pesquisadores se tornaram protagonistas da comunicação pública, sendo requisitados diariamente pela mídia para orientar a população a respeito do coronavírus, fazer análises sobre a evolução da doença e, em última instância, divulgar a ciência.

Os desafios no percurso de construção de pontes, assim como os possíveis caminhos e as estratégias para alcançar esse objetivo, já foram suficientemente abordados ao longo do ensaio. Como uma reflexão final, cabe reforçar que, na era da sociedade em rede, a mudança social mais marcante é a da transformação da comunicação, como nos mostra o sociólogo Manuel Castells em “A Sociedade em rede” (CASTELLS, 2013). A nova estrutura social, política e cultural formada a partir da expansão global da tecnologia digital, que conectou todos os nós que compõem a sociedade em uma grande malha única, complexa e sofisticada, exige da academia uma reflexão sobre o seu papel e quais as melhores estratégias para atuar, influenciar e contribuir com o interesse público no contexto atual. Não é um processo simples, e as respostas também virão num piscar de olhos, mas é urgente avançar nessa reflexão.

Nas palavras de Castells:

A sensação de desorientação é formada por mudanças radicais no âmbito da comunicação, derivadas da revolução tecnológica nesse campo. A passagem dos meios de comunicação de massa tradicionais para um sistema de redes horizontais de comunicação organizadas em torno da internet e da comunicação sem fio introduziu uma multiplicidade de padrões de comunicação na base de uma transformação cultural fundamental à medida que a virtualidade se torna uma dimensão essencial da nossa realidade. A construção de uma nova cultura baseada na comunicação multimodal e no processamento digital de informações cria um hiato geracional entre aqueles que nasceram antes da Era da Internet (1969) e aqueles que cresceram em um mundo digital.

Como se vê, são tempos confusos, de transição de modelos, que requerem um olhar ao mesmo tempo crítico e generoso sobre a realidade que se descortina diante de nós. E a academia, se por um lado tem o desafio de reinventar suas formas de interação com outros atores sociais, de outro nunca teve tantas ferramentas, canais e possibilidades para fazer o conhecimento que produz se conectar, transformar e beneficiar a sociedade.

## **Referências bibliográficas**

ANDRADE, Rodrigo de Oliveira. Ciência à míngua. **Revista da Fapesp**. São Paulo, 21 de junho de 2021. Disponível em <https://revistapesquisa.fapesp.br/ciencia-a-mingua/>. Acesso em 10 de setembro de 2021.

BARATA, Germana. Entrevista concedida para este ensaio. 24 de agosto de 2021.

BERNARDO, André. Médica brasileira é um dos ícones na luta contra a Covid-19. **Veja Saúde**. Rio de Janeiro, 8 de março de 2021. Disponível em <https://saude.abril.com.br/blog/saude-e-pop/medica-brasileira-e-um-dos-icone-da-luta-contra-a-covid-19/>. Acesso em 1 de setembro de 2021.

BUCKERIDGE, Marcos. Entrevista concedida para este ensaio. 23 de agosto de 2021.

CARLETTO, Claudia. Entrevista concedida para este ensaio. 9 de setembro de 2021.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. 23ª edição. São Paulo: Paz e Terra, 2013.

CHAIMOVICH, Hernan. Webinar de lançamento do Relatório de Ciência da UNESCO 2021. YouTube, 11 de junho de 2021. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=7PsZekRj3yQ>. Acesso em 25 de agosto de 2021.

CHNEEGANS, S.; LEWIS, J.; STRAZA, T. Relatório de ciências da UNESCO: a corrida contra o tempo por um desenvolvimento mais inteligente; resumo executivo e cenário brasileiro. Paris: Baseline Arts, 2021. Disponível em [https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000377250\\_por](https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000377250_por). Acesso em 20 de setembro de 2021.

COVAS, Dimas. Dimas Responde Especial. YouTube, 21 de agosto de 2021. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=T9vi8k0ZF3Q>. Acesso 29 de agosto de 2021.

DISITZER, Márcia. A mulher do ano: a atuação incansável da médica Margareth Dalcolmo durante a pandemia. **O Globo**, Rio de Janeiro, 29 de dezembro de 2020. Disponível em <https://oglobo.globo.com/ela/gente/a-mulher-do-ano-atuacao-incansavel-da-medica-margareth-dalcolmo-durante-pandemia-24814094>. Acesso 20 de agosto de 2021.

DORADO, Alejandro Jorge et al. Guia para Cidades Sustentáveis – Eleições 2020. São Paulo. Instituto de Estudos Avançados e USP Cidades Globais, 2020. Disponível em <http://www.iea.usp.br/eventos/eventos-procedimentos-e-normas/materiais-de-referencia/guia-para-cidades-sustentaveis-eleicoes-2020-4/>. Acesso em 15 de setembro de 2021.

MARQUES, Fernanda; CERQUEIRA, Roberta. Germana Barata: rede sociais são excelente estratégia para revistas científicas ampliarem seus públicos. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**. Disponível em <http://www.revistahcsm.coc.fiocruz.br/germana-barata-redes-sociais-sao-excelente-estrategia-para-revistas-cientificas-ampliarem-seus-publicos/>. Acesso em 17 de setembro de 2021.

MARTINS, Vitória. Mídias fazem ponte entre academia e sociedade. **Jornal da USP**, 10 de outubro de 2017. Disponível em

<http://www.jornaldocampus.usp.br/index.php/2017/10/midias-fazem-ponte-entre-academia-e-sociedade/>. Acesso em 15 de setembro de 2021.

PADULA, Fernando. Entrevista concedida para este ensaio. 31 de agosto de 2021.

Perfil do Butantan no Instagram alcança 1 milhão de seguidores. **Butantan**, São Paulo, 11 de agosto de 2021. Disponível em <https://butantan.gov.br/noticias/perfil-do-butantan-no-instagram-alcanca-1-milhao-de-seguidores>. Acesso em 18 de setembro de 2021.

PIREZ, Lucas. **1 em um milhão**. Guarulhos, 21 de agosto de 2021. @olucaspirez. Disponível em <https://www.instagram.com/p/CS1mw1bslCC/>. Acesso em 15 de agosto de 2021.

SAAD, Elizabeth. Entrevista concedida para este ensaio. 25 de agosto de 2021.